



Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

Lutemos por 50\$00 para os homens e 32\$00 para as mulheres!

Depois duma quantidade de meses de desemprego, onde a maioria dos operários e operárias não trabalharam, vamos começar os trabalhos das ceifas. E, nós e os nossos filhos, estamos cheios de dividas, andamos róticos e descalços. Por isso mesmo, é justo que façamos para ganhar mais alguma coisa.

SOBRE OS 50\$00

O ano passado o «Camponês» não colocou a orientação de 50\$00 para os homens e 32\$00 para as mulheres como jorna mínima, deixando o preço das jornas ao cuidado das massas. Entretanto, essa orientação não foi a melhor porque criou confusões e não facilitou a unidade.

Por isso, pensa o «Camponês» que este ano não se deve fazer o mesmo mas que devemos lutar pelos 50\$00 para homens e 32\$00 para as mulheres a sêco. E, sem dúvida, que temos agora melhores condições para conseguir estas jornas. Primeiro, porque nós ceifeiros e ceifeiras temos hoje mais experiência e podemos por isso mesmo lutar, mais unidos e organizados. Segundo, porque nós bem precisamos destas jornas para pagarmos algumas dividas e darmos mais um pouco de pão aos nossos filhos. Treceiro porque as ceiras estão boas e por isso mesmo os agrários podem pagar mais facilmente os 50\$00 e os 32\$00. Quanto porque os agrários precisam mais de nós e tudo farão para ceifar na devida altura visto terem todo interesse que o pão não se estrague.

Sendo assim, temos de ver agora como vamos organizar a nossa luta.

SÃO MUITO IMPORTANTES AS REUNIÕES DE MASSAS.

As experiências das lutas passadas,

dizem-nos que onde nós fazemos reuniões de massas, alcançamos melhores jornas.

Se o ano passado não tivéssemos feito com Vale de Vargo, Pias e Aldeia Nova, reuniões de massas, os agrários teriam-se aproveitado ainda mais da nossa desunião e não teríamos conseguido as jornas que conseguimos.

Mas foi devido à falta de reuniões de massas por terras e por Região que o ano passado as jornas não subiram mais. Foi por isso mesmo que enquanto em Alcaçovas conseguimos 60\$00 e em outras 40\$00 e mais, em Estremoz só alcançamos na segunda semana 25\$00 para homens e 15\$00 para as mulheres e em Serpa só 18,00 para os homens na primeira semana.

Apesar destes exemplos, nem sempre nós damos a devida importância às reuniões de massas. Ainda há dias um companheiro nosso, dizia: «não devemos fazer reuniões com muita gente para evitar que as autoridades saibam e façam prisões.»

Não devemos esquecer que as autoridades prendem mais facilmente 20 ou 30 do que cem, duzentos, trezentos ou mais. Por isso, o que temos a fazer é convidarmos todos os ceifeiros e ceifeiras a irem a essas reuniões e então aí, falarmos todos e pormo-nos de acordo sobre os 50\$00 e os 32\$00 e sobre o que devemos fazer para os conseguir. E se nestas reuniões ou depois

as autoridades tentarem fazer prisões, as massas como estão unidas não o consentirão, serão até capazes de arrancar os presos, como já aconteceu em Baleizão, Vale de Vargo, Pias, Benavila e outras terras.

Para estarmos mais defendidos não devemos trabalhar às escondidas. Devemos antes fazer reuniões de massas nas Casas do Povo.

Mesmo onde não houver Casas do Povo, as reuniões de massas devem de ser feitas nas Praças de jornas e em qualquer local à vista de toda a gente e se aparecer a G.N.R. devemos pedir-lhe que não nos façam mal porque nós o que queremos é ganhar mais alguma coisa para pagarmos as nossas dividas. Devemos até, pedir-lhes que nos ajudem a defender os nossos interesses.

Catarina Eufémia

VIVE NOS NOSSOS CORAÇÕES!

Mais um ano passará no dia 19 de Maio sobre o cobarde assassinato de Catarina Eufémia, símbolo do heroísmo dos trabalhadores agrícolas na sua luta por uma vida melhor.

O assassino Carrajola continua a solta para cometer novos crimes.

Ao iniciar as ceifas façamos em toda a parte um minuto de silêncio em sua memória, recordemos o seu heroico exemplo; lutemos por melhores jornas exijamos o castigo do seu assassino!

FORMEMOS MUITAS COMISSÕES DE UNIDADE.

As Comissões de Unidade são precisas para unir, organizar e dirigir as nossas lutas e, sem elas, não poderemos alcançar tudo que desejamos. Entretanto, a maior parte das vezes lutamos sem termos formado essas comissões e quando as formamos nem sempre o fazemos da melhor maneira.

A respeito das comissões de unidade, diz um operário agrícola o seguinte: «o ano passado na minha terra foram

(Continua na 2ª pág.)

HOMENS HONRADOS DA GNR! NÃO NOS MALTRATEIS!

Vós sois filhos do povo e sois de carne e osso como nós. Vós conheceis as dificuldades da vida porque também recebeis ordenados que para nada chegam.

É por não termos trabalho e por ganharmos tão pouco, que nós somos forçados a unir-nos e a lutar, porque senão nós e os nossos filhos morreremos de fome sem ninguém nos acudir. Por esta razão, nós, ceifeiros e ceifeiras, pedimo-vos que não nos prendam e nem nos maltratem, mas que nos ajudem a defender os nossos direitos.

(Continuação da 1ª pag.)

para a comissão de Unidade pessoas que eram mal vistas pelo povo e que depois na luta foram os primeiros a quebrar a Unidade.»

Para acabarmos com estas coisas mal feitas, devemos formar as nossas comissões com muitas pessoas nas reuniões de massas, escolhendo para elas os homens, mulheres e jovens que mais tenham lutado e que mais vontade tenham. Se assim fizermos, não irão para as comissões, pessoas incapazes de defender os nossos interesses.

LUTEMOS POR CONTRATOS PARA TODA A CEIFA.

A experiência dos anos anteriores e a experiência dos ceifeiros e ceifeiras o ano passado em Aldeia Nova de S. Bento que se uniram e fizeram com que a G.N.R. fosse falar aos agrários acabando por conseguirem um contrato com 35\$00 para homens e 22\$00 para as mulheres, aconselham-nos a que este ano lutemos em toda a parte por contratos para toda a ceifa. Estes contratos são uma forma de termos trabalho mais tempo e de unir os ceifeiros e ceifeiras à volta duma coisa que todos desejamos. Mas só devemos aceitar os contratos depois de discutidos livremente por nós e de verificarmos que eles estão de acordo com aquilo que as massas desejam. Para melhor conseguirmos esses contratos, devemos ir junto das Casas do Povo, do Instituto Nacional de trabalho, das Juntas de Freguesia, da G.N.R. e outras autoridades e pedir-lhes que se interessem pelas nossas reivindicações.

LUTEMOS CONTRA O EMPREGO DAS MÁQUINAS.

Cada ano que passa os agrários vão comprando mais máquinas e fogem cada vez mais de nós dar trabalho. Ainda o ano passado devido ao emprego das máquinas, os ceifeiros e ceifeiras de Baleizão só fizeram 3 dias por semana e se conseguiram estes 3 dias, foi porque souberam unir-se e irem em massa à Casa do Povo lutar contra o emprego das máquinas.

Mas apesar disto, ainda há pouco, um companheiro nosso dizia: «Se os lavradores quizerem meter máquinas que metam porque o que interessa é arranjar em outros trabalhos para nós!»

Se assim pensarmos não passamos bem. Depois de meses e meses desempregados, não é justo deixarmos que os lavradores façam com as máquinas, os trabalhos que nós temos direito e

precisamos de fazer, especialmente nesta ocasião, em que todos nós precisamos de ganhar mais umas croas para aliviar a fome que existe nos nossos lares.

Nós sempre lutamos e é justo continuarmos a lutar para que as máquinas não sejam empregadas enquanto houver braços parados. Ao mesmo tempo, temos de lutar com firmeza para que nos seja garantido trabalho durante toda a época das ceifas garantindo essa que nos deve ser dada pelas autoridades, pelo Instituto Nacional do Trabalho, pelos agrários e Casas do Povo.

Se não fizermos isto, acontece a todos nós o que já aconteceu em algumas terras, os agrários meterem todo o pessoal desempregado e ao mesmo tempo meteram as máquinas, acabando por os ceifeiros e ceifeiras trabalharem muito menos tempo do que deviam trabalhar.

AS EMPREITADAS SÃO MÁS PARA NÓS.

As empreitadas só são boas para os agrários. Eles sabem que assim nos exploram mais e é por isso que se esforçam para que nós lhes peguemos. Mas a verdade é que para nós as empreitadas só trazem prejuízos. Temos que trabalhar a matar e às vezes ainda ganhamos menos do que andando à jorna.

É cada vez maior o numero de ceifeiros e ceifeiras que se negam a pegar nas empreitadas. O ano passado em Moura, numa herdade, o pessoal recusou-se a fazer as empreitadas que tinham pedido, exigindo uma jorna de 35\$00 e 40\$00 tendo-os conseguido.

Sendo assim, o melhor que temos a fazer é não pegarmos nas empreitadas mas lutar pelos 50\$00 para homens e 32\$00 para as mulheres.

COMO FAZER A NOSSA UNIDADE.

A estreita ligação das comissões de Unidade com as massas, é condição indispensável para a conquista das nossas reivindicações e para o fortalecimento da nossa Unidade.

Um operário agrícola dizia ainda não há muito tempo: «Ninguém quer fazer nada.» Este nosso companheiro esquece que são as pessoas que mais compreendem que têm o dever de levar as massas à luta e que se as massas estão paradas e desunidas, as pessoas que compreendem mais também têm responsabilidade porque não souberam ajudá-las para que elas não se desunissem.



— Estás hoje com muita pressa, Zé?
— Alguma, Tóino, mas há sempre uma nesga para dois dedos de conversa com os amigos.

— Pois eu gostava de te contar o que a gente combinou a respeito das ceifas. Sabes que a malta se arreceia de se ajuntar na praça de jornas com medo da GNR? Eu cá também acho, Zé, que se a gente não toma cautela esses desalmados vão malhar no pessoal.

— Sim, Tóino alguns serão capazes disso, mas se formos para a praça bem unidos e todos — ceifeiros e ceifeiras — e não puxarmos uns para cada lado, é lá ainda que a gente pode melhor entender-se e fazer frente aos agrários. A GNR não tem nada que saber tudo o que a gente precisa combinar, mas no resto não faz mal que eles oiçam e até devemos explicar-lhes a nossa grande miséria e pedir-lhes ajuda contra a ganância dos agrários. Não te esqueças, Tóino, que alguns deles foram camponeses como a gente, que são filhos e irmãos de gente de trabalho e talvez nos compreendam. De toda a maneira a nossa unidade é a nossa melhor defesa e a praça de jornas um dos melhores sítios para nos unirmos.

— Olha lá, Zé, e o que é que tu dizes com respeito ao pessoal de fora? Tenho por minha que se vierem fazer-nos mal, porrada neles!

— Tóino! Devias ter vergonha de dizeres isso! Então tu achas que devemos saltar à porrada a irmãos nossos, gente de trabalho e cheia de fome como nós, Tóino? Pode ser gente atrasada mas se soubermos falar-lhes com paciência e os convidarmos a unirem-se a nós e a lutar pela mesma jorna eles são capazes de lutar ao nosso lado e não se prestarem ao jogo dos agrários!

— Bem visto, bem visto, tens razão, Zé...

Para fazer uma boa unidade temos de pôr de parte todas as questões que possamos ter uns com os outros. É preciso que todos nós homens, mulheres e jovens, nos juntemos e marchemos unidos até à conquista daquilo que precisamos.